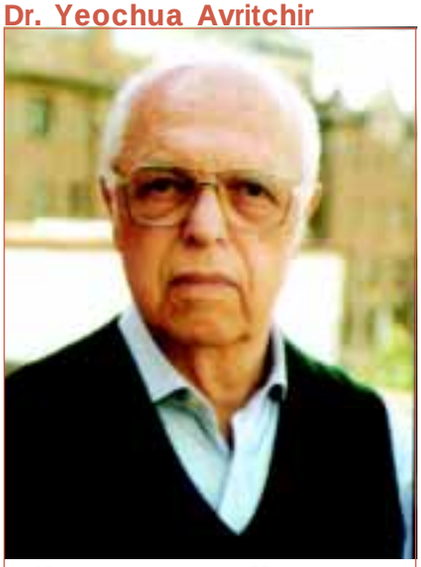
O morto era eu

Dr. Yeochua Avritchir



Membro titular do CBR e cronista

O ritmo de trabalho era progressivo e exigente. Aulas, consultório e congressos. Plantões noturnos e em fins de semana. Na vida familiar, problemas e angústias. Minhas ambições me estimulavam e desgastavam.

Exausto, estressado, resolvi me libertar por um fim de semana. Reclinado na poltrona, procurava me distrair folheando sem compromisso uma revista qualquer.

Uma discreta dor no peito pôs-me em alerta. Como explicar aquele mal-estar? Meio apreensivo, mas não apavorado, aguardei os acontecimentos.

Segunda-feira e tudo recomeçava. Terça-feira, depois de uma manhã de intenso trabalho, fui à lanchonete. Ao descer a escadaria, senti uma pressão torácica. Surgiu-me um suor estranho, mas não era pelo calor. Fiz o diagnóstico: infarto.

Pedi a dois colegas que me levassem ao Einstein. A palidez e o suor assustavam qualquer um. Cientes do que se tratava, colocaram-me no carro. Cada minuto de viagem até o hospital era interminável. Saltei do automóvel e fui direto ao cardiologista, Dr. Elias.

No meio do exame, lembro-me de uma sensação agradável. Nada de medo, calma absoluta, nada de dores, nada de pensamentos, nada de nada. Bem estar total. De repente, ouço um burburinho, um corre-corre, e um grito de comando: PARADA CARDÍACA. Olhei de soslaio para o leito vizinho e tive pena do infartado ao lado. Mais tarde, ressuscitado, descobri que o morto era eu

A segunda fase foi a cirurgia. Safenado, cateteres e com sondas em todos os orifícios possíveis, tentava imaginar situações agradáveis, ocupar meus pensamentos com idéias positivas.

Uma prima veio me visitar e não sei a troco de quê, anunciou-me:

-Yeochua, o papa morreu.

A minha reação foi imediata:

-Antes ele do que eu.

Fiz toda espécie de promessas: diminuir o ritmo de trabalho, passando dos 180 para os 80 km/h, emagrecer, fazer mais exercícios físicos, dedicar-me à família, mais atenção para os filhos, usufruir da vida.

Três meses depois, lentamente, fui retornando ao meu dia-a-dia. Que sensação agradável é o ar da rua, ainda que poluído. Como é bom ouvir outra vez o barulho do caminhão do lixo. Não amaldiçoar tudo o que antes me incomodava. Até o rock ensurdecedor do filho do vizinho tornou-se música aos meus ouvidos. Como a vida é bela e vale a pena ser vivida!

Aos poucos, reassumi as atividades: aulas, consultório, congressos, plantões. Em questão de meses, já estava de novo a 180 km/h.